

Aposta arriscada

As cirurgias para tratar a obesidade são complexas, oferecem perigo e só devem ser feitas em casos extremos

A cirurgia bariátrica (aplicada no tratamento da obesidade), se for oferecida por clínicas sem estrutura e médicos sem o devido treinamento, pode se tornar a mais arriscada das cirurgias. Um estudo apresentado pela HealthGrades, a mais importante agência independente de classificação em saúde dos Estados Unidos, avaliou por três anos a frequência das complicações nos centros americanos que efetuam o tratamento, com alarmantes constatações.

Esse tipo de tratamento abrange diferentes tipos de cirurgias, mas todas elas têm dois pontos em comum. Primeiro, devem ser utilizadas em obesos que falham no tratamento clínico com dieta e medicações, além de apresentar complicações médicas graves, ocasionadas pela obesidade. Segundo, diferentemente do que o público leigo acredita, são complexas e oferecem perigo. Portanto, devem ser efetuadas só em casos extremos e em hospitais com recursos e cirurgiões experientes.

Nos últimos dez anos, houve um aumento na frequência dessas cirurgias de 1.431% nos Estados Unidos. São mais de 200 mil por ano. Desde 2004, registrou-se um acréscimo na taxa de complicações dessas cirurgias, que, na média, aumentaram em 6%. A mais importante e complexa delas, a cirurgia de *bypass* do estômago, teve um aumento de 17% na taxa de complicações. As mais simples, como a colocação de um anel no esôfago, verificaram um crescimento de 1% nas taxas de complicações.

Houve uma mudança drástica no tipo de cirurgia realizada. A escolha pela cirurgia de *bypass* do estômago reduziu-se em 82%, enquanto procedimentos por laparoscopia cresceram 420% em três anos.

“Quando eu tinha 14 anos, meu pai era tão ignorante que não conseguia tê-lo por perto. Mas, quando fiz 21, eu me impressionei com o quanto o velho aprendeu em apenas sete anos.”

MARK TWAIN, QUE PERDEU O PAI AOS 14 ANOS.



CAUTELA. A escolha do hospital deve ser rigorosa

De acordo com o estudo, o aumento das complicações é devido ao aparecimento de novas clínicas e médicos inexperientes para atender a crescente demanda. Para ter idéia do quão importante é a escolha do hospital e do cirurgião, um paciente que passa por uma cirurgia em um hospital de primeira linha tem 65% menos risco de complicações do que se escolhesse um hospital menos qualificado. Quanto mais cirurgias o centro tem, menor é o risco de complicações. Locais com menos de 25 cirurgias do tipo por ano tinham alto risco de complicações, enquanto centros com mais de 125 cirurgias anuais tinham baixo risco. O estudo englobou 154 mil cirurgias, feitas em 680 hospitais diferentes de 17 estados americanos, entre 2004 e 2006.

MULHERES, ATENÇÃO!

Um efeito colateral comum entre os antidepressivos é a redução da libido, que ocorre com frequência entre 30% e 70% dos casos de quem toma a medicação. Pacientes com disfunção sexual têm risco três vezes maior de desistir do tratamento nos primeiros meses.

Os antidepressivos são prescritos para mulheres em doses, na média, duas vezes maiores do que as dos homens. Apesar de receberem mais remédio, essa complicação é subestimada nas mulheres. O médico pode confundir-la com sintoma da depressão e as mulheres comumente evitam tocar no assunto.

Os medicamentos do tipo Sildenafil, Vardenafil e Tadalafil são utilizados para disfunção erétil em homens, mas não nas mulheres. Na teoria, esses medicamentos também têm eficácia entre elas. Mas as drogas funcionam só nas mulheres que têm desejo sexual, mas cuja reação orgânica do despertar sexual – lubrificação vaginal – está prejudicada.

O uso de Sildenafil, nesse estudo, foi testado em mulheres pré-menopausa, com depressão grave, em remissão com o uso de antidepressivos há pelo menos dois meses, e que tinham desejo sexual. As 145 mulheres envolvidas no estudo foram orientadas a tomar um comprimido ao dia, uma ou duas horas antes do ato sexual, sem saber se continha 50 mg de Sildenafil ou placebo. Eram também solicitadas a tentar o ato sexual pelo menos uma vez por semana. Os efeitos colaterais mais comuns entre as mulheres que utilizaram placebo foram náusea e ansiedade. Com Sildenafil, a cefaléia.

No estudo publicado pela revista *Jama*, em 30 de julho, apenas 25% das mulheres que usaram placebo referiram melhora em sua função sexual. No grupo do Sildenafil, 75% das mulheres melhoraram de maneira bastante satisfatória. A descoberta é de vital importância, pois vai aumentar ainda mais a aderência ao tratamento da depressão, além de melhorar a auto-estima e o prazer das mulheres.